

IDEIAS ERRADAS

“Um cão castrado é mais propenso a problemas de saúde.”

FALSO: a probabilidade de contrair doenças não aumenta com a castração. Antes pelo contrário: a extração do útero e dos ovários, ou testículos, acaba com a possibilidade de infecções e tumores nesses órgãos, e de complicações ligadas à gravidez e ao parto. Sem acasalamentos, as doenças sexualmente transmissíveis deixam de representar risco. Cai a incidência de tumores da mama.

“O acasalamento deixa os machos emocionalmente mais estáveis.”

FALSO: em virtude dos conflitos com os outros cães, o acasalamento pode até causar instabilidade emocional.

“As fêmeas precisam de ter crias para manter o equilíbrio emocional.”

FALSO: não há relação entre os dois factos. O equilíbrio emocional fica completo com a maturidade, que ocorre por volta dos doze meses nos cães não castrados. Se uma cadela se mostrar mais calma e responsável depois da primeira ninhada, é porque amadureceu devido a ter avançado na idade e não porque se tornou mãe.

“A falta de prática sexual causa sofrimento.”

FALSO: o que leva o cão à iniciativa de acasalar é exclusivamente o instinto de procriar, e não o prazer nem a necessidade afectiva. O sofrimento pode atingir os machos não castrados se viverem com fêmeas e não poderem acasalar: ficam mais agitados, agressivos, não comem e perdem peso.

“A castração reduz a agressividade do cão de guarda.”

FALSO: a agressividade necessária para a guarda é determinada pelos instintos territorial e de caça e pelo treino, sem ser alterada pela castração.

PORQUÊ TER UM CÃO?

“Possuir um animal de companhia constitui um factor educativo que não se deve negligenciar. A sua importância aumenta na mesma proporção que o homem urbano se afasta da natureza.” Konrad Lorenz, Prémio Nobel 1973.

Numa sociedade crescentemente urbana, o cão, muito embora constitua um companheiro maravilhoso, obriga, por outro lado, a uma série de deveres que o homem tem de forçosamente assumir. De entre os elementos positivos ligados à presença de um cão no lar, podemos destacar:

- o estímulo social aportado à família: falar do cão, tratá-lo e brincar com ele, o interesse manifestado pelo animal revela-se positivo para o agregado;
- a presença do cão que representa uma companhia muito importante para quem vive só;
- o relaxamento proporcionado ao homem por um passeio com o seu cão, brincadeiras e carícias (alguns estudos demonstram até que o ritmo cardíaco do ser humano diminui quando acaricia o seu cão);
- o sentimento de protecção gerado pela presença do cão, guardião do lar;
- a amizade e camaradagem, até mesmo a ligação emocional, por vezes, muito intensa que ligam o proprietário ao seu fiel companheiro de quatro patas;
- a responsabilidade assumida através da aquisição ou adopção de um cachorro;

- a ajuda indiscutível proporcionada pelo cão em termos da educação das crianças. Aliás, os psicólogos recorrem a este animal para facilitar a reinserção de delinquentes infantis e juvenis ou de crianças ou jovens problemáticos.
- a compreensão e simpatia que rodeiam o cão, susceptíveis por vezes de transfigurar o ser humano;
- a sensação de valorização e realização experimentadas por algumas pessoas quando acompanhadas pelo seu cão ou o facto de o poderem exhibir;
- a ajuda que constitui em termos de contactos sociais, numa sociedade onde dificilmente se fala com desconhecidos, em que o facto de passear o animal possibilita o diálogo com outros donos de cães;
- e, por fim, a sensação de prestígio experimentada por alguns pelo facto de possuírem determinada raça canina, muito embora possamos objectivamente questionar se se trata de uma virtude positiva, uma vez que um cão não pode ser comparado com um carro desportivo ...

In "Enciclopédia do cão - Royal Canin", Vol. 2, pg. 114, Aniwa publishing